

Vinícius Corrêa Araújo
Gustavo Souza Santos

Narrativas pandêmicas e espaciais

a produção do espaço da cidade dentro e fora dos sujeitos em Montes Claros/MG

De súbito silêncio, a operação do cotidiano na produção do espaço urbano passou a ser enclausurada nos recônditos privativos dos lares. O lar como lugar do repouso, da privacidade e da subjetividade que encontra abrigo, passou a designar espaço seguro e terreno limitado de vivência. A circulação e os fluxos que irrigam as tramas urbanas foram compulsoriamente radicados ao confinamento como medida salutar, ainda que provada por dificuldades conjunturais e ideológicas.

As narrativas cotidianas alinhavadas no trânsito de fluxos, no ir, no vir, no movimentar-se de si para fora, de dentro para o outro, do espaço para o eu, tornaram-se narrativas de isolamento. O lar como comuna do repouso e das operações privadas tornou-se a única narrativa responsiva e possível. A construção do espaço tornou-se en-simesmada: das ruas aos cômodos, da paisagem às janelas, da jornada à permanência no núcleo aninhado que se constrói ora sozinho, ora de modo familiar.

1. Obras urbanas são retomadas em pontos distintos da cidade. A retomada contratual tenta significar a retomada do cotidiano. Na força de trabalho, nos signos do maquinário construtivo e no rebatimento do sol que incorpora as novas temporalidades de uma pós-pandemia, uma possibilidade de pensar os planos, o cotidiano e a polis é instaurada.

A produção de si que é contígua com o franco espaço em produção, aquele de fixos e fluxos, tornou-se irrevogavelmente uma produção condicional. Uma vez que o trânsito da rotina está suspenso, as espacialidades já cultivadas puderam tão somente tornar-se centelha utópica por um momento vindouro de redenção da narrativa pandêmica circunstancial. Se o fora de casa é hostil, o dentro de casa, pelo choque dos influxos de fora e de dentro, torna-se também uma arena intempestiva e produtiva.

Ora, produzir os espaços continua por interpolações de dentro e fora de si, na internalização do lar. Oblitera-se a noção espacial como conjuntura agregadora de corpos, objetos, ações e sentidos. Incorpora-se uma ideia produtiva de espaços de dentro, por dentro, para dentro: dentro da realidade, por dentro de si e para dentro de casa, esse lastro localizado e quase político – afinal, guardar isolamento torna-se subversão em tempos de disputas agudas.

O anelo humano de construir-se produzindo o interior a partir do exterior, isto é, resvalando e vertendo sua existência no/com/pelo espaço permanece. Todavia, essa permanência encontra novas formas de se narrar e posicionar. Narrativas pandêmicas são narrativas espaciais, entre a hostilidade da aglomeração e a necessidade de produzir a si produzindo o espaço. O tempo é decantado.

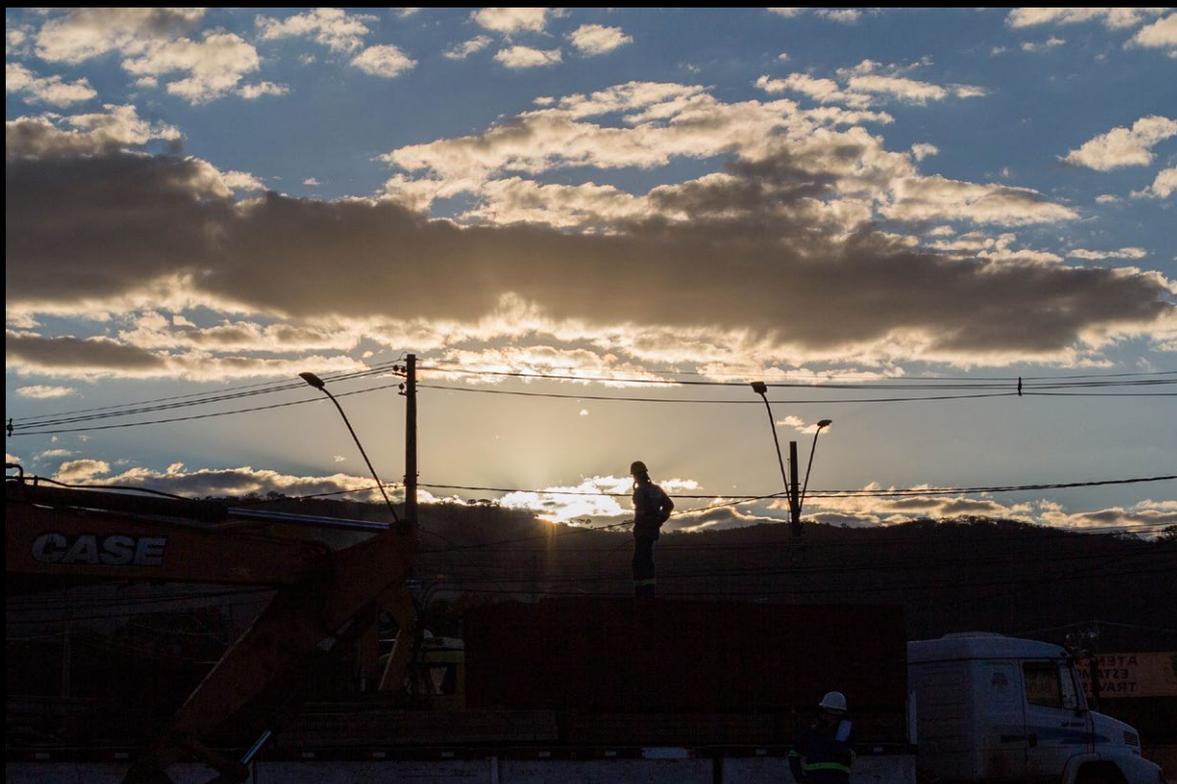
Em Montes Claros, cidade média que exerce centralidade entre os 89 municípios que compõem a mesorregião Norte do estado de Minas Gerais, esse

momento chega com solitude. Essa construção é sinalizada pela interdição e pelo temerário. Cenas de construção civil e estéticas artísticas marcam a paisagem urbana. A imagem de obras na cidade tenta propagar que ainda há movimento, ruído e quebra no silêncio que anestesiou a percepção espaçotemporal do cotidiano.

As fotos que seguem apresentam cenas da paisagem montes-clarense delineando uma tela eloquente aos cidadãos de que ainda há mobilidade em meio às notícias, aos temores, à insegurança dos protocolos de flexibilização. Ao longo de junho de 2020, essas cenas retratam sinais de recomeço que introjetam a ideia de retomada que será disputada na percepção dos sujeitos sobre que tipos de espaço querem produzir postos os atravessamentos pandêmicos.

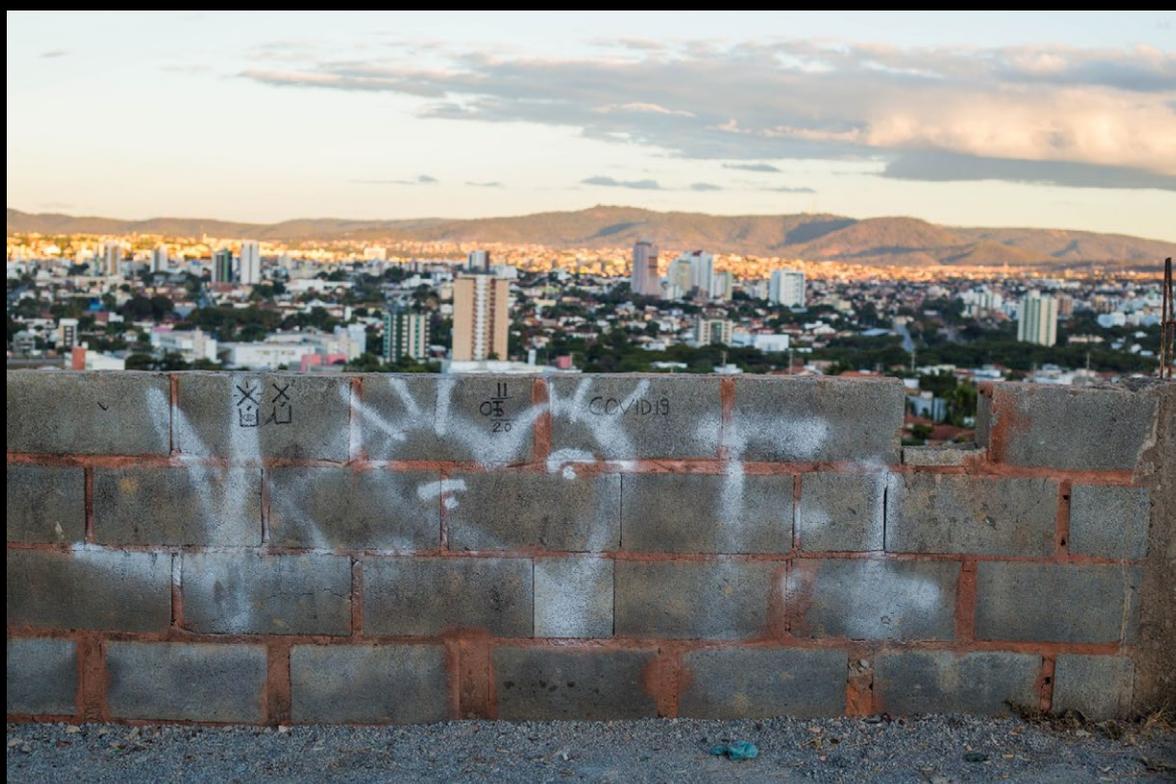
Montes Claros possui 409.341 habitantes, conforme estimativas de 2019 pelo IBGE¹. Os dois últimos anos foram marcados pela inauguração de diversos parques urbanos distribuídos sobre regiões diversas da cidade. Obras de distribuição do trânsito – cada vez mais intenso – duram alguns meses. Há um desenho de uma paisagem urbana propalada como signo de desenvolvimento. Todavia, questiona-se que, no afã construtivo, o modelo de cidade não é debatido entre seus sujeitos. Que narrativas serão construídas? ■

1 Conforme: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/montes-claros/panorama>. Acesso em: 9 jul. 2020.



2. A penumbra e a silhueta marcam o tempo, a obra e o trabalho. As obras marcam transformações em vias de tráfego e irrigação do centro comercial e administrativo aos bairros residenciais. Partes dessa paisagem são palco para atividades públicas de lazer e atividade física, incorrendo uma trama de visibilidade em meio ao ordinário.

3. A visão da cidade entre fluxos restritos é de adormecimento. O silêncio também pode ser ruidoso a partir dos planos e dramas audíveis dos lares.

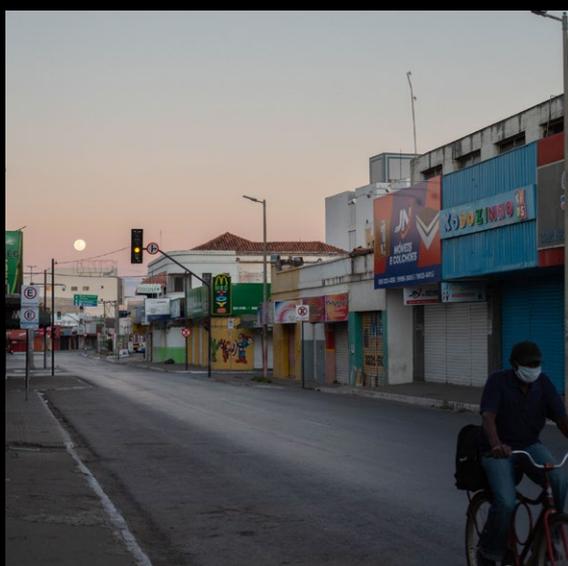




▲
4, 5 e 6. A visão da cidade entre fluxos restritos é de adormecimento. O silêncio também pode ser ruidoso a partir dos planos e dramas audíveis dos lares. O ruído das obras rompe o lapso do isolamento. É mesmo um recomeço?



7. Uma das praças centrais da cidade, a Praça da Matriz, passa por um momento de revitalização. A área central é de afluxo intenso durante o horário tido como comercial, mas torna-se deserto em horários e dias alternativos. A iniciativa visa fixar possibilidades de uso e interação. Os tapumes para isolar a produção construtiva foram ocupados por artistas urbanos e suas estéticas, cobrindo um trecho amplo que se torna tela efêmera a sustentar imagens de uma cidade a ser idealizada e pensada.



8. No crepúsculo do frisson urbano diário enclausurado inicialmente nas medidas mitigatórias de isolamento social e a seguir com as medidas sanitárias de flexibilização moderada, o ir e o vir se remodela. O crepúsculo anuncia a noite que é sucedida pela manhã. Novas temporalidades e espacialidades são possíveis.



9. Os espaços de socialização mesmo flexibilizados estão estigmatizados pelos signos do temor e do distanciamento. As fitas de interdição na capela tradicional do centro histórico da cidade demonstram recomeços de ressignificação difícil.



10. A paisagem do capital e a produção capitalista do espaço ficaram marcadas pelo enferrujamento de sua prática. A grama alta e o fluxo alternativo da cidadã que faz sua travessia mascarada alertam para a reestruturação que afetou diversas dimensões da realidade social, mas que na pregação de um "normal" (existe?) ou um "novo normal" (é lícito?) ainda fornece imagens eloquentes de disparidades e desigualdades